

# Mulheres voltam a querer engravidar após epidemia de zika

Fim do surto ainda não foi oficialmente declarado, mas casais retomam sonho de ter filhos

[\(O Globo, 11/06/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Se os planos da administradora Caroline Borges tivessem se cumprido, a pequena Lorena, sua filha de 5 anos, estaria a essa altura segurando no colo um irmão ou irmã. Na virada de 2015 para 2016, Caroline e o marido, Marcelo, tentavam engravidar de um segundo filho quando tiveram o projeto bruscamente interrompido pela epidemia da síndrome congênita resultante da infecção pelo vírus da zika, que atingia os fetos em formação.

***Leia mais:*** [Casos de zika do Amazonas têm redução de 91% \(Portal do Holanda, 10/06/2017\)](#)

— Meu marido me proibiu de ficar grávida em 2016 — brinca Caroline. — Eu fiquei muito receosa, mas o mais preocupado foi ele. Só no início deste ano voltamos a tentar.

Ao decidir adiar o sonho de aumentar a família até que a epidemia passasse, o casal entrou para o grupo dos “grávidos pós-zika”: desde fevereiro, a barriga de Caroline cresce lentamente, começando agora a sinalizar o contorno dos quatro meses de gestação.

Embora, àquela altura, o Ministério da Saúde ainda não tivesse declarado oficialmente o fim da epidemia — o que veio a ocorrer em 11 de maio —, o número de casos, tanto de zika quanto de microcefalia, já havia despencado em relação aos primeiros meses de 2016. E Caroline sabia que não poderia esperar muito: aos 39 anos de idade, completados em dezembro, ela considera que estava no limite.

— Se não engravidasse no primeiro semestre deste ano, não engravidaria mais — avalia ela, que, apesar da idade, gerou o bebê sem tratamento de fertilidade. — Era um desejo forte ter mais de um filho. Tenho quatro irmãos e sempre gostei da ideia de ter uma família grande.

## **CINCO ANOS DE TENTATIVAS**

Em São Paulo, Priscilla Freitas, de 33 anos, passou por frustração semelhante, mas se sentiu ainda mais angustiada porque já tentava engravidar por cinco anos, sem sucesso. Ela chegou à conclusão, ainda no início de 2016, de que ela e o marido não conseguiriam ter filhos pelo método natural. Nela, foi diagnosticada uma endometriose. Nele, um problema de contagem espermatozoides. A saída era a reprodução assistida, mas resolveram esperar até abril de 2017 para iniciar o tratamento.



A paulistana Priscilla Freitas iniciou tratamento de fertilização em abril (Foto: Edilson Dantas)

— Eu queria muito ter engravidado ano passado, mas, se isso tivesse acontecido, eu teria ficado extremamente insegura — afirma Priscilla, que conta atualmente oito semanas de gravidez.

A decisão do Ministério da Saúde de declarar, no mês passado, o fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional em decorrência da zika e de sua associação com a microcefalia e outras alterações neurológicas, teve respaldo numa redução drástica das ocorrências. O balanço mais recente mostra que houve 95,1% menos casos de zika até 13 de maio deste ano em comparação com o mesmo período de 2016. E, enquanto desde o início das investigações, em outubro de 2015, foram notificados 13.719 casos de microcefalia, apenas 293 surgiram em todo país este ano, até 6 de maio.

No ápice da epidemia, no primeiro trimestre de 2016, a procura por tratamentos de fertilização in vitro em clínicas brasileiras chegou a cair de 20% a 50%, dependendo do estado, segundo especialistas consultados pelo GLOBO.

O médico Giuliano Bedoschi, especialista em reprodução humana que acompanha a gravidez de Priscilla, fez recomendação de adiamento de fertilização a muitas mulheres que o procuraram na época, mas considera que hoje é seguro iniciar uma gestação.

— Sei de centros no Nordeste que tiveram 50% de redução ano passado. Agora, estou incentivando casais que esperaram a não postergarem mais — diz.

No Rio, o especialista em ginecologia e reprodução humana Marcio Coslovsky lembra que, na clínica em que trabalha, a quantidade mensal de tratamentos caiu 30% no época da zika.

— Ninguém sabia se atribuía essa queda à zika ou à crise econômica. Mas parece que a zika predominou. Algumas pacientes minhas que já estavam grávidas ficavam praticamente em “cárcere privado”, evitando sair de casa para não serem picadas — recorda-se Coslovsky.

Especialista em reprodução assistida, o médico Marcello Valle destaca que, mesmo após o fim da epidemia, é necessário que as grávidas se mantenham protegidas do *Aedes aegypti*.

— Hoje o cenário é de mais preocupação entre os profissionais de saúde do que entre as próprias pacientes, porque há a impressão de que o vírus da

zika foi embora. Não podemos esquecer a prevenção — ressalta ele, diretor de uma clínica carioca.

Ginecologista e obstetra, Maria Cecília Erthal avalia que, na clínica de reprodução assistida da qual é diretora-médica, não foi constatada uma redução no número de tratamentos, mas sim muitos adiamentos da etapa de transferência dos embriões — quando eles são colocados no útero da mulher, após os óvulos serem coletados e fecundados.

— Muitas pacientes nossas decidiram não interromper o tratamento, mas deixar os embriões criopreservados, guardados. E elas podem fazer isso por até um ano sem custo extra — diz.

Entre aquelas que já haviam engravidado quando a epidemia explodiu, houve quem optasse até mesmo por “fugir” do país, como a arquiteta Alessandra Bernstein, que passou em Nova York, nos EUA, o segundo trimestre de sua gravidez. Este é o período crítico para infecção por zika, por se tratar da época de desenvolvimento intrauterino do bebê.

— Eu sou extremamente ansiosa e já fazia tratamento de fertilidade havia cinco anos, então tive a sorte de poder fazer isso, que poucas pessoas têm. Minha mãe, de personalidade forte, insistiu que bancaria tudo e ficou comigo lá, em um imóvel que alugamos — lembra Alessandra, hoje mãe de de gêmeos.

*Clarissa Pains*